



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
FACULDADE DE CIÊNCIAS DA LINGUAGEM  
CAMPUS DO BAIXO TOCANTINS  
ABAETETUBA PA

---

**DHENIFF QUARESMA DIAS**

**O mito do boto: uma viagem pelos encantos  
desta narrativa oral**

ABAETETUBA / PA

2019

DHENIFF QUARESMA DIAS

**O MITO DO BOTO: UMA VIAGEM PELOS ENCANTOS DESTA  
NARRATIVA ORAL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Colegiado do Curso de Letras da Faculdade de Ciências da Linguagem da Universidade Federal do Pará como parte dos requisitos para obtenção do título de Licenciado em Letras.

Orientador: Prof Dr Benilton Cruz

ABAETETUBA / PA

2019

DHENIFF QUARESMA DIAS

**O MITO DO BOTO: UMA VIAGEM PELOS ENCANTOS DESTA  
NARRATIVA ORAL.**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado ao Colegiado do Curso de Letras da Faculdade de Ciências da Linguagem da Universidade Federal do Pará como parte dos requisitos para obtenção do título de Licenciado em Letras.

**APROVADA EM:** \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

**Banca Examinadora:**

---

*Prof. Dr Benilton Cruz*

---

*Prof. Garibaldi Parente*

---

*Prof. Nome (titular)*

*A Deus, que com sua infinita bondade e misericórdia sempre encheu meu coração de fé para que eu não fraquejasse ou pensasse em desistir diante dos obstáculos que surgiram durante a minha trajetória na graduação.*

*Aos meus pais, Marilene e Roberto, que sempre apoiaram as minhas escolhas e jamais mediram esforços, fazendo o possível e o impossível, para que eu permanecesse na universidade, construindo meu sonho.*

*A minha única irmã, Dhemiff, que acreditou em mim quando eu mesma desacreditei e me serve de incentivo para melhorar a cada dia, como pessoa e como profissional, e assim poder dar a ela os melhores dos exemplos.*

*Ao meu noivo, Luciano, que aturou todo o meu estresse causado pelas turbulências acadêmicas com toda paciência e amor do mundo sem soltar a minha mão ao menos uma vez.*

## **AGRADECIMENTOS**

Ao meu orientador Benilton Cruz pela sabedoria dispensada a mim durante o período de elaboração deste trabalho.

Ao meu sogro, Professor José Maria Júnior, por ter compartilhado comigo seus conhecimentos e experiências acadêmicas todas as vezes que eu precisei de conselhos.

Ao meu colega de curso e agora amigo, Raylton Carlos, que sempre esteve disposto a me ajudar com todas as dúvidas que surgiram no decorrer da produção deste estudo.

*“Nunca deixe que lhe digam que não vale a pena acreditar nos sonhos que se tem ou que seus planos nunca vão dar certo ou que você nunca vai ser alguém (..) se você quiser alguém em quem confiar, confie em si mesmo. Quem acredita, sempre alcança!”*

Legião Urbana.

## RESUMO

Este estudo discute como as narrativas orais, em foco a do mito do Boto, da cidade de Abaetetuba, influenciam no comportamento de seus munícipes com o objetivo de investigar quais os recursos e argumentos são usados pelos narradores para fortalecer a veracidade dessa narrativa que por intermédio da literatura oral está sendo disseminada por dezenas de gerações até os dias de hoje. Esta pesquisa possui uma abordagem qualitativa que descreve por meio de entrevistas semiestruturadas as experiências vividas pelos informantes após a coleta dos dados durante a pesquisa exploratória. Para obter os devidos resultados, este estudo apresenta primeiramente noções e conceitos citados por seus respectivos teóricos sobre o que é mito, o que é cultura, o que é literatura oral e, ainda, sobre o mito do Boto. Inclui-se, para os devidos resultados, alguns relatos, correlacionando-o com a literatura fantástica e expondo os fatos libidinosos que se escondem por trás do mito. Na sequência, juntamente com as considerações finais, estão os resultados alcançados no decorrer da investigação ressaltando a importância desta pesquisa para a área de Letras e principalmente para os Estudos Literários no que concerne às narrativas orais.

**Palavras-Chave:** Narrativas Oraís; Mito; O Boto; literatura Oral.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	08
CAPITULO I: OS PRIMEIROS ESTUDOS .....	13
CAPÍTULO II: MITO E CULTURA .....	15
2.1: O que é o mito? .....	15
2.2: A cultura de Abaetetuba .....	17
2.3: A literatura oral como manifestação de cultura.....	18
CAPITULO III: O MITO DO BOTO SEGUNDO LOUREIRO .....	20
3.1: O Boto .....	20
3.2: Relatos .....	22
3.3: O real .....	23
3.4: O fantástico presente no mito .....	25
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	27
REFERÊNCIAS .....	29

## 1. INTRODUÇÃO

O Município de Abaetetuba é conhecido no Estado do Pará por sua diversidade cultural, fato esse, que destaca sua grandeza regional, explicitado desde o brinquedo de miriti até suas tradições populares. Segundo Santos (1983, p. 8), “cada realidade cultural tem sua lógica interna a qual devemos procurar conhecer para que façam sentido suas práticas, costumes, concepções e as transformações pelas quais passam”. Por isso, dentro dessa lógica, instigados pela curiosidade, levados pelo interesse de observar como as peripécias de um boto descritas em uma narrativa oral, pertencente à vida literária de uma população, que faz de um mito o criar de uma “realidade”, por meio dos contos, de tal forma que contextualiza os costumes dos moradores urbanos e rurais que habitam nossa região, ao ponto de provocar certa interferência na vida de um povo, perceptível nos munícipes abaetetubenses, temos como exemplo, os ribeirinhos que possuem o hábito de colocar cipó alho na porta da casa como intuito de espantar o boto quando se tem meninas passando pela puberdade.

Quantas outras estórias estão em volta desse falar popular? Fala que enaltece o narrar dos contadores, os quais, ao usarem do dialeto local, vivem a afirmar sobre os ocorridos dos engravidar das moças que dançavam nos bailes, que engrandeciam as noites dos moradores das margens de rios e igarapés. Tais fatos provocaram uma transformação nos costumes dos caboclos que tiveram a necessidade da adaptação às consequências do lascivo animal. Por isso,

[...] é preciso relacionar a variedade de procedimentos culturais com contextos em que são produzidos. As variações nas formas de família, por exemplo, ou nas maneiras de habitar, de se divertir ou de distribuir os produtos do trabalho não são gratuitas. Fazem sentido para os agrupamentos humanos que as vivem, é resultado de sua história, relacionam-se com as condições materiais de sua existência. Entendido assim, o estudo da cultura contribui no combate a preconceitos, oferecendo uma plataforma firme para o respeito e a dignidade nas relações humanas. (SANTOS, 1983, p. 8)

A confiança da maioria das pessoas na veracidade desse evento sobrenatural que compõe o folclore amazônico despertou-me a diligência e a necessidade de executar este estudo que tem como finalidade descobrir os fundamentos do mito “O Boto” e expor os recursos utilizados na narrativa em questão que fortalecem o mito, que como tradição, tornou-se um legado que se estende de geração a geração, pois esses valores são repassados de pai para filho e já existem há muitos anos na região que compõe nosso município. Porém, mesmo havendo vários registros e livros de autores da literatura local e até mesmo global, que

trabalham para a valorização dessa cultura, temos em contrapartida, pessoas nascidas e viventes ao meio dessa tradição que, por se intitularem céticas, recusam a confiar nesses mitos e acabam descriminalizando e menosprezando os ditos populares, característicos da literatura local, imaginando ser “coisa de gente ignorante e sem estudo”. Em vista disso, a pesquisa utilizará como fonte de informação os moradores que testemunharam possíveis fatos relacionados às grandes aventuras do nosso alvo de estudo: o popular Boto (tucuxi) que, cientificamente, é conhecido como *Sotalia fluviatilis*. São pessoas que possuem nível de instrução, digamos, erudita. Dessa forma, tem-se a finalidade de desfazer a ideia de que o confiar em mitos pertencentes à cultura local é de caráter labrego e bronco.

O folclore faz parte da riqueza Abaetetubense, assim como a literatura regional que se manifesta tanto na oralidade como na escrita. Inseridos e crescendo dentro desse contexto, somos agraciados pelos contos narrados por idosos que, ao socializar o enredo das peraltices do nosso mutante cetáceo, levam os filhos dessa terra a vislumbrar e a se adaptar a um estilo de vida regido por mitos, que atija a mentalidade de curiosos e produz certo medo aos que vivenciam o contar de cada detalhe do aventureiro vindo das águas que banham as moradas ribeirinhas enriquecendo ainda mais nossa literatura.

Somos movidos pelo saber científico que tenta de todas as formas explicar cada fenômeno existente no ambiente ao qual fazemos parte. Tudo que acontece nos dias atuais, se não for explicado pelo método científico, perde a credibilidade: isso provoca o esmagamento do conhecimento comum e o desvaloriza. Assim, toda essa conjuntura pode esmagar nossa gênese folclórica, levando a possibilidade de ser ceifada uma parte da identidade dessa miscigenação que criou essa terra de homens verdadeiros (abaeté). Por isso, Todorov (1975, p. 13) afirma que é necessário “(...) praticar os estudos literários com a mesma seriedade, o mesmo rigor que testemunhamos nas outras ciências”. Este estudo busca trazer como vantagem para a área das linguagens o conhecer dos valores das narrativas locais, mitos e lendas, para que se possamos mostrar a importância da mitologia atrelada às ciências em geral, com a finalidade de fortalecer as tradições na vida das pessoas e o respeito por suas crendices.

O estudo também se dá pela importância de investigar quais os fatores relacionados ao mito do boto causam influência no comportamento do abaetetubense. Além disso, analisa-se a crença das pessoas sobre o acreditar nos fatos narrados no transcórrer da formação que originou o lendário boto sedutor. Outro ponto a ser pesquisado é se há interferência na criação e na educação das crianças, ou seja, investigar se esta narrativa está presente no ensino e aprendizagem dos estudantes desde as séries iniciais ou se este conhecimento foi tomado por

meio da convivência, pois é de grande valia que as narrativas orais pertencentes a nossa cultura estejam fazendo suas contribuições na educação das crianças, em relação à temática motivo dessa pesquisa. O objetivo geral da pesquisa é investigar quais os recursos linguísticos utilizados pelos informantes contribuem para fortalecer a crença nessa narrativa oral tão presente na cidade. Já os objetivos específicos são detectar se as narrativas orais estão presentes no ensino da literatura popular nas escolas e na família e identificar se esses recursos, isso é, tais narrativas, estão sendo trabalhados corretamente de forma a estimular por meio da curiosidade o prazer de contar e escrever estórias de cunho fantasioso ou não.

Para alcançarmos tal êxito, usamos de entrevistas com os residentes desse município e, também, exploramos a literatura que aborda a temática, pelo fato de ser necessário investigar, explicar e compreender esses eventos, sem pré-conceitos. Assim, conforme nos ensina Eliade (1972), o que antes de tudo nos interessa é captar o sentido dessas estranhas formas de condutas por parte de certo quantitativo de pessoas, além de compreender a causa e a justificação dos eventuais excessos de falatórios frente ao mito do Boto como fenômeno humano e cultural, sendo criação do espírito e não como irrupção patológica de instintos, bestialidades ou infantilidade.

Todo esse contexto exposto visa mostrar como a cultura referente ao Boto está influenciando os hábitos dos moradores do município de Abaetetuba e o seu acreditar nos fatos socializados nas comunidades que formam esse território. Dessa forma, vale lembrar que esta investigação se torna importante também para os graduandos de Letras, principalmente do *campus* de Abaetetuba, pois é uma forma de incentivá-los a irem para além das análises dos poemas e clássicos da literatura e valorizar a literatura local. Este estudo também se torna essencial para a sociedade em geral, fazendo com que as crianças adentrem no nosso imaginário popular, fugindo um pouco dos métodos tradicionais limitados ao livro didático. Tal estudo pode se fazer presente também nas pesquisas científicas, nas quais seja possível levá-lo mais adiante ao considerar as dúvidas e curiosidades que servem de alimento para alguns mitos e, assim, passem a pesquisar suas consequências no psicológico das pessoas que os aderem como estilo de vida.

Cumprido dizer que no presente estudo, que visa obter informações sobre como as pessoas percebem esse mito, da sua veracidade sobre os fatos narrados até os dias atuais, será utilizada uma abordagem qualitativa em que os relatos terão por base a descrição e a narração com a finalidade de descobrir e compreender os fundamentos do comportamento cultural do abaetetubense fazendo uso da observação, de uma entrevista semiestruturada e história de vida, obtendo maior interação com a realidade dos sujeitos da pesquisa. A tipologia da

investigação inicia-se de cunho exploratório, pois, nos termos de Trigueiro, Ricieri, Fregoneze e Botelho (2014)

[...] A pesquisa exploratória tem como principais finalidades desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias, objetivando a elaboração de problemas mais exatos para pesquisas posteriores, promovendo familiaridade com o problema, e requer levantamento bibliográfico e documental, além de entrevistas com pessoas que tiveram experiências práticas com o problema pesquisado. (TRIGUEIRO; RICIERI; FREGONEZE; BOTELHO, 2014, p. 23)

Usaremos como fonte de informações para realizar essa pesquisa o Município de Abaetetuba/PA, que foi fundado no dia 07 de janeiro de 1881, possuindo, hoje, em todo o seu território, um total de 150 mil habitantes. Para a execução do presente estudo, teremos como colaboradores os sujeitos naturais (habitantes), que conhecem os causos que envolvem o Boto em suas andanças e visitas as donzelas ribeirinhas, com os supostos fatos relatados contidos no folclore de Abaetetuba.

A pesquisa necessitará de cerca de três relatos de pessoas que acreditam no mito, pois sua finalidade implica em identificar que fatores as levam a se deixarem influenciar por mitos e credices e quais recursos são usados por elas para fortalecer a veracidade das histórias de cunho mítico e fantasioso que, por meio da literatura oral, são disseminadas. Para fazer uma correlação com os possíveis fatos narrados pelos informantes, a pesquisa apoia-se em autores folcloristas abaetetubenses como Maria de Nazaré Carvalho Lobato (2004), Jorge Machado (2008) e Paes Loureiro (2015). Contará também com especialistas sobre cultura, literatura regional e literatura fantástica como Tzvetan Todorov (1975), Mircea Eliade (1994), Emanuele Cristina Siebert (2012) e José Luiz dos Santos (1983).

Inicialmente será realizada uma pesquisa bibliográfica por meio do levantamento de conhecimentos prévios do problema em questão na visão dos autores supramencionados. Em seguida, a investigação partirá para os conceitos da pesquisa participante. Dessa forma, passarei a fazer parte da cultura e do cotidiano dos participantes da pesquisa sem qualquer tipo de interferência. Somente observarei e absorverei todos os casos e informações que irão contribuir para o presente estudo. A coleta de dados será feita com o uso de um gravador e, a partir da autorização do informante, será feito uso de uma entrevista semiestruturada. Pedirei ao informante que narre o fato e em seguida perguntarei se o ocorrido lhe deixou sequelas físicas ou mentais e de que maneira esse fato influencia na sua vida e como contribui para os conhecimentos sobre a literatura local no que concerne a narrativa oral.

Este estudo está dividido em três capítulos que abordam os assuntos relacionados ao meu objeto de estudo. Destarte, no primeiro capítulo realiza-se uma revisão crítica

argumentada por embasamentos referenciados em autores estudiosos do assunto. Já no segundo capítulo, que está dividido em três subcapítulos, exibe-se alguns conceitos sobre mito, a cultura de Abaetetuba e a literatura oral da cidade como manifestação dessa cultura, respectivamente. Por fim, no terceiro capítulo desta monografia, o mito do boto será narrado na íntegra por João de Jesus Paes Loureiro, em sua obra *Cultura Amazônica: uma poética do imaginário*, e por testemunhas desses possíveis fatos relatados. No último tópico desse capítulo, expõe-se os fatos existentes por trás do mito, isso é, discorreremos sobre os casos de assédio sexual e incesto que ocorriam nas comunidades ribeirinhas. Polêmicas essas que deram origem ao mito do Boto com a finalidade de encobrir os atos libidinosos da época. No fechamento do capítulo, as teorias de Tzvetan Todorov sobre literatura fantástica serão tomadas como base para relacionar as características do mito estudado com essa categoria estética literária.

## CAPITULO I: OS PRIMEIROS ESTUDOS

O boto foi estudado pela primeira vez em 1790 pelo cientista Alexandre Rodrigues Ferreira, depois do mesmo ter chefiado uma expedição que se estendeu pelas capitânicas do Grão-Pará, São Jorge do Rio Negro (Amazonas) e Mato Grosso (Cuiabá). Esse evento de cunho científico é considerado o mais importante já realizado por Portugal em solo brasileiro no século XVIII.

[...] Ferreira chegou no Pará em outubro, iniciando seus trabalhos pela ilha de Marajó. Em 1784, partiu para o Rio Negro, que percorreu até a fronteira, e em seguida retornou para Barcelos, a capital da capitania de São José do Rio Negro. No final de agosto de 1788, subiu o Rio Madeira e Guararé, chegou a Vila Bela, capital de Mato Grosso, em 1789, sendo acometido de malária durante a viagem. Seguiu para vila de Cuiabá em 27 de junho, descendo pelos rios Vila Cuiabá, São Lourenço e Paraguai, voltando para Belém em janeiro para regressar a Portugal.” (Leite; Leite, 2010, p. 02)

Essa expedição de Alexandre Rodrigues rendeu um conjunto de conhecimentos sobre a fauna, a flora, os minérios, os herbários, os animais empalhados, além de desenhos e aquarelas catalogados em diários de bordo do cientista. Porém, segundo Leite e Leite (2010), vários especialistas no assunto constataram que grande parte desse material coletado, foi perdido por meio de extravio ou saque durante a viagem de volta a Portugal.

Já para Magalhães (2013), historiadores e folcloristas apontam o surgimento do personagem *O Boto* a partir da invasão dos europeus à América, aproximadamente entre os séculos XV e XVI. Depois disso, estudiosos se instigam em pesquisar sobre o assunto em busca de satisfazer as curiosidades contidas no mito. Ainda segundo a autora, durante nossa vida escolar, nós (enquanto alunos) somos incentivados a ver como privilégio o estudo da mitologia e das lendas em detrimento da nossa própria identidade. A autora observa em sua prática docente que os mitos, o folclore e a literatura podem ser usados como ferramentas para o auxílio da compreensão dos fenômenos psíquicos e também como ilustrações preciosas que despertem no aluno atenção para variados temas dentro da sala de aula.

Para Magalhães (2013), os contos de cunho míticos característicos do folclore nortista destacam-se pela tradição da oralidade e de seu caráter moralizante nas narrativas, o que também deve ser aproveitado em sala de aula. “Um acontecimento sobrenatural é propagado verbalmente, sem o uso do registro escrito; nas narrativas, há sempre uma mensagem de advertência ou norma de comportamento implícita.” (HENRIQUE, 2009 apud MAGALHÃES, 2013, p. 29). A autora afirma que o Boto é narrado de diferentes formas e

roupagens e existem estórias completamente distintas envolvendo o mesmo personagem. Essas diferentes formas e roupagens dependem muito do informante e também da localidade da Amazônia a que o narrador pertence.

[...] Diante disso, contatamos que as narrativas sobre os personagens mágicos no universo amazônico não se configuram como ficção para muitos homens e mulheres da religião, e que a multiplicidade de enfoques sobre o mesmo encantado contribui para que muitos mitos e lendas da Amazônia se constituem em narrativas vivas.” (HENRIQUE, 2009 apud MAGALHÃES, 2013, p. 30)

Angélica Lucia Rodrigues, doravante Rodrigues (2008), foi além nos seus estudos sobre o boto no que concerne a sua origem. A autora cita Simões e Lopes (2005) para afirmar que a relação mais próxima que já existiu entre os homens e os cetáceos aconteceram aproximadamente nos anos de 2.200 a.C no norte da Noruega, onde inscrições rupestres representando tais animais foram encontradas. De acordo com os estudos de Rodrigues (2008), pode ser possível que a lenda não possua origem indígena, mas que talvez tenha sido originada de versões modificadas das estórias contidas na mitologia grega, como a das sereias, por exemplo, que foram trazidas para a América do sul pelos exportadores e colonizadores portugueses e espanhóis. (DA SILVA e BEST, 1986; SANTOS, 2006 apud RODRIGUES, 2008).

Quanto à disseminação dessa narrativa entre a população ribeirinha,

[...] foram analisados discursos orais referentes à lenda do boto entre pessoas de varias faixas etárias, sexo e cor, de comunidades assentadas ao longo do Rio Amazonas e de seus principais afluentes. Entre sua amostra a autora notou que apesar das atitudes das pessoas que acreditam no boto como ser místico esteja mudando, a crença no encantado não se limita às pessoas mais idosas, pois uma grande parte dos narradores são crianças e adolescentes que ouviram os contos de amigos ou parentes. (SLATER, 2001. Apud, RODRIGUES, 2008. p. 8-9)

Para Loureiro (2015), embora na maior parte das histórias sobre o Boto haja uma rede de cultura e simbologia que balança nos movimentos do amor, o sentido da união que esse amor representa é muito mais vasto. Em outras palavras, o amor do Boto revela uma união cósmica, a união dos dois mundos: o real e o fictício. É possível que more no coração da mulher um fio de esperança de que o Boto seja o grande amor tão esperado, aquele que um dia pode chegar, o “herói” esperado de todas as estórias de amor. Nas palavras de Loureiro (2015, p. 232), “a fantasia curiosa faz com que elas fiquem frágeis diante do desconhecido, o ser amado e amante que chega, vem, de certa maneira, do outro lado do eterno”.

## CAPITULO II: MITO E CULTURA

### 2.1: O que é mito?

Segundo Mircea Eliade (1972), em sua obra *Mito e Realidade*, é preferível iniciar os estudos sobre a origem do mito nas sociedades arcaicas, priorizando as mitologias dos povos que diligenciaram um papel importante na história. Embora os mitos tenham sido modificados com o passar dos anos, os que surgiram nas comunidades primitivas ainda exprimem um estado primordial, pois são nessas comunidades que eles permanecem vivos, além de fundamentarem e justificarem as atividades humanas. Fazendo um apanhado histórico, a palavra “mito” é de origem grega, *mythós*, que, como hoje, sempre abarcou vários significados dentro de uma ideia central. Por uma visão semântica de Evanildo C. Bechara (2011), a palavra “mito” refere-se a uma narrativa de cunho fantástico com caráter simbólico ou religioso, sobre divindades, heróis ou elementos da natureza que se estende/estendeu pela memória do povo ou pela tradição.

Na visão empírica de Eliade (1972, p. 09), “o mito é uma realidade cultural extremamente complexa, que pode ser abordada e interpretada através de perspectivas múltiplas e complementares”. Já Luiz da Camara Cascudo, doravante Cascudo, em *Literatura Oral no Brasil*, conceitua o que seria mito como “uma narração de história fantástica, desfigurada pela credulidade, agindo no sentido do maravilhoso” (CASCUDO, 1978, p.104). Em seguida, a fim de complementar sua definição, Cascudo (1978, p. 105) cita Strauss que denomina o mito como “toda narrativa desprovida de autoridade histórica, qualquer que seja a sua origem, na qual uma comunhão religiosa reconhece um elemento fundamental da sua fé, por conter a expressão exata dos seus principais sentimentos e das suas mais caras ideias. (138)”. Dentre todos esses conceitos, Eliade (1972) toma para si a definição a qual ela chama de menos imperfeita pelo fato de ser mais ampla. Tal definição é a de que o mito é uma história considerada por um determinado povo como sagrada que relata um fato ocorrido nos primórdios dos tempos, ou seja, o mito narra como, graças aos poderes sobrenaturais dos Entes Sobrenaturais, uma realidade, um cosmo ou lugar que passou a existir. Portanto, é uma narrativa que se trata de uma “criação” em que seus personagens são Entes Sobrenaturais. Para o autor, a principal função do mito é expor os modelos exemplares de todas as atividades humanas significativas como alimentação, casamento, trabalho, arte, educação ou sabedoria. Fazendo um paralelo com esta perspectiva, temos a visão de Cascudo (1978) que afirma que

os mitos foram criados com a finalidade de justificar fenômenos sobrenaturais e naturais. Nesse sentido, é possível exemplificar com os raios que caem durante uma tempestade em que, para a mitologia, representam a fúria de *Thor*, o Deus do Trovão. Para dar mais clareza às contribuições de Cascudo (1978) sobre o mito, o autor traça um paralelo entre mito e lenda elencando suas diferenças. Segundo o autor, poderíamos dar ao mito a característica de possuir uma ação constante e atribuir à lenda a característica de possuir uma ação improvável, inatural ou potencial.

Para Torres (2009, p. 171, apud TORRES; BARROS, 2017), “o mito possui uma racionalidade própria que é diferente da racionalidade acidental. A racionalidade não é privilégio dos civilizados e nem os mitos são coisas de primitivos”.

Para Cascudo (1978), o mito acusa-se pela função, já a lenda explica qualquer origem e forma local que indica a razão de um hábito, superstição e costume de um povo. O mito age e vive disfarçado em outros mitos e credences, que se fortalecem nos medos e pavores que são trazidos de um passado sombrio. Cascudo (1978) afirma que o estudo mais claro sobre o que é mito é de Hermann Steuding que explica que os mitos se reservam para a vida, ação e morte dos deuses e semideuses e as lendas para os heróis e fabulas que requerem criação poética e imaginação humana. De acordo com Steuding, mitos e lendas possuem fundamentos naturalistas ou históricos e a fabula é um exemplo educacional.

A partir desta colocação, Cascudo (1978) opta por olhar o mito por outro ângulo e afirma:

[...] caracterizo-o como uma constante em movimento. A lenda é um ponto imóvel de referencia. O mito é uma explicação imediata. Pertence ao passado o dia em que são Tomé, Sumé, pisou as pedras brasileiras deixando as pegadas ilegíveis. É uma lenda. O Lobisomem trota pelas estradas do Brasil como o Licântropo na Grécia e o Versipélio em Roma. É um mito. Há uma noite em que um padre morto diz uma missa assistida pelos fies defuntos. Há depoimentos em Minas Gerais de alguém que assistiu a ela. Não há país europeu que não tenha essa visão. É uma lenda porque possui outra característica, o elemento coletivo. (Cascudo, 1978, p.106).

Para concluir esta seção, faço uso de todos os conceitos definidos acima e da distinção usada por Todorov (1975, p. 15), em que ele afirma que “1. O herói tem uma superioridade (de natureza) sobre o leitor e sobre as leis da natureza: esse gênero se denomina mito. 2. O herói tem uma superioridade (de grau) sobre o leitor e as leis da natureza; o gênero é o da lenda ou o conto de fadas”, para classificar a estória do Boto como mito, pois se trata de uma narrativa oral em que o personagem principal é uma entidade sobrenatural aceito de maneira natural, um peixe que se transforma em homem, com poderes de encantamento que, até então, é usado como meio de justificar o desconhecimento da paternidade de crianças que foram

concebidas “misteriosamente” e, para que não duvidem da honestidade da mãe, ela afirma que fora encantada pelo Boto que quando se transformou em homem enfeitiçou-a com o objetivo de tomá-la sexualmente.

## 2.2: A cultura de Abaetetuba

Em sua obra *O que é Cultura?*, José Luiz dos Santos, doravante Santos (1983, p. 27, itálicos do autor), afirma que “a palavra cultura é de origem latina e seu significado original está ligado às atividades agrícolas. Vem do verbo latino *colere*, que quer dizer cultivar”, ou seja, tudo que é produzido pelo homem. Esse conhecimento é repassado de geração em geração e os hábitos de alimentação, educação, vestimentas, pensamentos, religião e modo de viver, no geral, vão se firmando onde surgir uma comunidade e se cultivar uma nova cultura.

[...] A expressão ‘cultura’ é utilizada quando nos referimos ao que é produzido pelo homem em contraposição ao que é dado pela natureza, pois somos seres sociais e aprendemos uns com os outros. Se não convivêssemos com outros indivíduos desde o nosso nascimento, certamente não sobreviveríamos ou nos comportaríamos como animais. Isso porque não nascemos humanos, mas nos tornamos humanos. A presença de um adulto, geralmente os pais, ensinando-nos a falar, a comer a brincar, entre outras atividades, nos permitiu aprender um pouco a cada dia. Esses ensinamentos e hábitos que adquirimos são CULTURA. Assim, o que não é dado pelo homem, produto da vida coletiva é cultural. (VYGOTSKY, 2003) (SANTOS, 1983). (SIEBERT, GHIARELLI, 2012, p. 03)

Segundo as autoras Emanuele Cristina Siebert e Lígia Karina Meneghetti Ghiarelli, doravante Siebert e Ghiarelli (2012), na obra *Cultura Popular Brasileira*, tudo que é criado e cultivado pelo homem por meio do repasse para seus descendentes, e condiz ao seu modo de viver, do manuseio dos seus bens, de suas escolhas sobre moradia, culinária, ideias e pensamentos, pode ser determinado como cultura. Em outras palavras, elas afirmam que onde há agrupamentos humanos, há também uma cultura, pois cada grupo precisa e procura um tipo de organização e, assim, a cultura surge dessa necessidade que o homem se depara em solucionar os problemas que surgem no dia a dia. Para Santos (1983), cada realidade cultural, cada grupo, tem sua lógica interna a qual devemos procurar conhecer para que nos faça sentindo suas práticas, seus costumes, suas concepções e as transformações que ao grupo pertence. Como exemplo, podemos citar as variações nas formas de família ou a forma com que algumas pessoas costumam se vestir. Todas essas variações não são gratuitas e sim são produtos da história de um determinado grupo e fazem o total sentido a eles. Tais variações devem ser compreendidas e respeitadas. Para o autor, o estudo da cultura contribui

diretamente no combate a preconceitos e oferece uma plataforma firme para o respeito e para a dignidade que estão atualmente escassas nas relações humanas.

Porém, mesmo sabendo que todas essas manifestações de cultura fazem parte da história da cidade, algumas causam controvérsias e estranhamentos como, por exemplo, os mitos e lendas característicos do folclore da cidade que ainda são vistos como frutos da ignorância do povo, como acontecia antigamente.

[...] Até o fim do século XVIII, as elites cultas consideravam as expressões da cultura popular, fossem elas danças, contos, poesias, histórias de aventuras ou peças de artesanato, como produtos da ignorância e do desconhecimento das ciências e artes, estas que eram consideradas patrimônios exclusivos das classes superiores. (MACHADO, 2008, p. 07)

Os mitos que a esta cidade pertencem possuem um poder de persuasão muito forte sob seus moradores a ponto de interferirem diretamente nos hábitos e atitudes daqueles que neles acreditam, o que não é bem visto por algumas pessoas que não acreditam nesses mitos e ainda discriminam quem acredita, fazendo um total descaso e desvalorização da cultura da cidade. Na obra *Fagulhas e fragmentos*, a autora abaetetubense Maria de Nazaré Carvalho Lobato (2004, p. 14) defende que “a cultura não se faz presente apenas de teorias, mas se aprende na escola da vida, na vivência e convivência popular, juntando caquinhos deixados por nossos vacilantes passos em busca de um processo que se apresenta forma de selva incógnita... perigosa”. Para a autora da terra, o estudo sobre a cultura da cidade é de extrema importância, pois a mesma acredita que o conhecimento desses fenômenos da cultura local contribuirá para a “valorização das lendas, costumes, hábitos, rituais, crenças e mitos, que povoaram épocas remotas, princípio de uma história que não é nem mais nem menos que a nossa história” (LOBATO, 24, p.14).

Dentro da nossa cultura está o folclore que, de acordo com Machado (2008), também se aplica à ciência que estuda essas manifestações. O folclore abaetetubense é rico em lendas e mitos que se proliferam todos os dias por meio da literatura oral.

### **2.3: A literatura oral como manifestação de cultura**

De acordo com Cascudo (1978), a expressão “literatura oral” foi criada em 1881 por Paul Sébillot com a sua *Littérature Oral de la Haute-Bretagne*. Segundo o autor, essa literatura que se limita aos provérbios, às adivinhações, aos contos, às frases-feitas, orações e aos cantos, ampliou-se de forma que tem alcançado horizontes maiores. Sua característica é a

persistência pela originalidade. A fé no que se ouve. Consequentemente, o folclore também está inserido nessa categoria da literatura, porém

[...] A literatura folclórica é totalmente popular, mas, nem toda produção popular é folclórica. Afasta-a do folclore a contemporaneidade. Falta-lhe tempo. Pode manter as cores típicas do espírito de uma região, o samba do Rio de Janeiro, o fado em certos pontos de Lisboa, mas não será folclórica na legitimidade da expressão. (CASCUDO, 1978, p.23)

Os elementos que caracterizam o folclore são a antiguidade, a persistência, o anonimato e a oralidade. Este último é o que mais predomina na cultura abaetetubense já que é por intermédio deste que o mito questionado neste estudo obteve tanta força e continua ganhando espaço dentro da nossa realidade. Para o autor, não é necessário muito raciocínio para considerar a importância da literatura oral nas ciências pedagógicas, segundo Cascudo (1978, p. 25), “quando o estudo da religião, mitos, lendas, superstições, ritos, alimentação, utensílios domésticos, etc., se confunde com os objetivos da Etnologia e mesmo da Antropologia cultural, a literatura oral é uma “constante” folclórica que não pode ser discutida”. Em vista disso, essa narrativa oral pode ser levada para escolas e usadas tanto nas séries iniciais quanto no Ensino Médio, fazendo uso de recursos extralinguísticos (míticos) para estimular o interesse pela leitura e pela cultura local.

Para Cascudo, a literatura oral, principalmente a brasileira, reúne todas as manifestações da recreação popular mantidas pela tradição que se entende por *tradere*, transmitir, passar adiante, o processo de divulgação do conhecimento de um povo. Tradição essa que faz com que o mito do boto permaneça ainda vivo no cotidiano, nas rodas de conversas, nos livros sobre folclore, dentre outros, formando um ciclo. A estória é narrada em um grupo familiar (ou não) e será repassada para outro grupo adjacente ao anterior, mas que possui o mesmo poder e valor cultural de persuadir o terceiro grupo de que aquela estória realmente aconteceu porque escutou de alguém de confiança e assim sucessivamente. “A oralidade pode dar conta das coisas. A palavra escrita pode não dar conta de tudo, mas as narrativas, o mito pode salvar a razão como percebeu Platão” (DERRIDA, 2011 apud TORRES; BARROS, 2017, p. 11). A estória vira uma história real com testemunhas que influenciam outras pessoas a levarem adiante o ocorrido para que sirva de aviso com a finalidade de não acontecer novamente, resultando em uma credence surgida a partir de uma narrativa oral influenciadora.

## CAPITULO III: O MITO DO BOTO SEGUNDO LOUREIRO

### 3.1: O Boto

Para Loureiro (2015), é natural que em toda a Amazônia se ouça estórias como esta, objeto desse estudo, uma vez que o sobrenatural faz parte da sua essência como região. Há uma aceitação totalmente espontânea de certos episódios que são reflexos da aceitação de outro mundo imaginário paralelo ao mundo real, o que representa um dos suportes psicológicos de compreensão de relatos verdadeiros como o do Boto, “o grande amante insaciável das mulheres ribeirinhas” (LOUREIRO, 2015, p. 220) ou o Boto que é a encarnação de um espírito que protege os peixes: “o boto preto é tido como o que protege. O boto-vermelho é dom Juan das águas, sedutor de moças donzelas e mulheres casadas” (ibidem, p. 220).

Segundo o autor abaetetubense, o Boto é um ser encantado e pode se transformar, em um momento de epifania humana, em rapazes muito bonitos e grandes sedutores vestidos de branco. Sendo que nesta condição, o único sinal identificador é um buraco no meio da cabeça, por onde respiram com certo ruído. Possui o poder de deixar as mulheres fora de si, fazendo-as esquecerem de todas as normas para seguir somente o impulso ardoroso desse ser. Loureiro (2015, p. 221) nos diz que é “esse ato puro de prazer que em si mesmo se encerra, que é forma e conteúdo de si mesmo e que se estrutura esteticamente como mito”. Em forma de homem, o boto pode aparecer em uma festa de dança, sem que ninguém o conheça ou que ele tenha sido convidado. Ele chama atenção por dançar bem e por andar sempre bem vestido. Pode, também, aparecer no quarto e deitar-se na rede com a mulher que pretende seduzir e se relacionar sexualmente. O boto também é conhecido por engravidar mulheres que, durante o seu período menstrual, estiveram o olhando de perto, seja de um barco, seja da beira do rio. Nesse caso a mulher seria encantada pelo boto e esse seria o motivo de sua gravidez repentina e sem pai. Loureiro explica que

se dessa ligação nascer um filho – filho de Boto – a moral reguladora dos costumes da família altera seu julgamento e, ao invés das condenações e punições habituais em casos como esses (de filhos antes do casamento) ou sem o concurso do marido há a compreensão e a aceitação do ato, como algo sobrenatural-natural” (ibidem, p.221).

Para o autor, o mito é preenchido por proibições, ou, em outras palavras, ações que seriam humanamente interdidas pelo senso comum. Em sua obra, ele utiliza o termo interdito para referir-se a essas ações e para explicá-las. O primeiro interdito exposto é o que se refere à relação Boto *vs.* mulher, no qual imaginasse que ocorra zoofilia. Porém o Boto, nesse contexto, não se apresenta como animal, e sim como um homem extremamente sedutor, vindo de um mundo paralelo ao nosso.

[...] no âmbito da vida no interior da Amazônia, o aparecimento de um desconhecido ascende a imaginação, pela possibilidade de ser um moço encantado. Esse fato permite a dedução de que o rapaz seja um ser estranho, um possível Boto ou uma idealização esperada indica que, também nesses casos, se pode falar em violação do interdito. (LOUREIRO, 2015, p. 223)

O segundo interdito rompido pelo mito diz respeito ao período fértil da mulher. Segundo a ciência, o período em que a fecundação é impossível é o menstrual, ao passo que é exatamente nesse período que o Boto se atrai pelas mulheres e as engravida.

[...] Os indígenas e mesmo o caboclo amazônico costumam dizer da mulher, no período menstrual, que está enluada. Opera-se aí uma espécie de epifania da Lua e, evidentemente, de seu sentido de fecundidade. “Donde a sobredeterminação feminina e quase menstrual da agricultura. Ciclos menstruais, fecundidade lunar, maternidade terrestre vêm criar uma constelação agrícola ciclicamente sobredeterminada”. (*ibidem*, p. 224, aspas do autor)

Outro interdito mencionado pelo autor está relacionado ao filho do Boto. Diz-se que, a criança que nasce de uma mulher solteira ou fora do casamento, se for reconhecida como filho ou filha do Boto, a moral que deveria ser cobrada é esquecida e a mulher é perdoada sendo aceito de maneira natural o fato sobrenatural. Nas palavras de Loureiro (2015, p. 225), “o filho do Boto, portanto, quebra o interdito de a mulher solteira ter filhos, da casada, tê-los sem o concurso do marido”. Segundo o autor, o Boto sempre assume seus filhos ou filhas. Quando um deles morre afogado no rio, acredita-se que o mesmo partiu para encontrar com pai. Uma outra crença é que quando as mulheres grávidas viajam em pequenas embarcações e são seguidas pelos delfins, é porque eles estão à procura de seus filhos.

Loureiro afirma que o Boto é completamente ciente de seu pecado e aceita sua culpa. Ele possui plena consciência de que para ele não há perdão e que seu destino é ser punido: “quando é surpreendido é perseguido, acovarda-se, jamais enfrenta seus adversários, foge para atirar-se de volta ao rio. Retorna, assim, à condição animal. Quebra-se o encanto.” (*ibidem*, p. 226). O ato de ser pego em flagrante, para o Boto, é um risco. Mas para a mulher é a salvação de uma possível acusação de adultério. Assim, o Boto “pode ser morto, mas, ao

mesmo tempo, salva a mulher que amou.” (ibidem, p. 226). O encantado não é perseguido por ser um golfinho, mas sim por ser homem. Em forma humana, ele recebe a lei moral dos homens, mas como animal recebe as consequências do que fez durante sua passagem pela condição humana. Mesmo que tenha sido ferido de morte sob a forma humana, é como animal que ele aparecerá sem vida.

### **3.2: A realidade do mito**

O mito do Boto é conhecido para muito além da realidade da Amazônia e já foi tema de diversas manifestações artísticas como música, poesias e filmes. Mas esse mito também aborda temas, de maneiras disfarçadas com um estilo poético, do cotidiano ribeirinho como, por exemplo, gravidez na adolescência, relacionamentos extremamente machistas e abusivos, estupros, casos de pedofilia extra e intrafamiliar (incesto). Fazendo uma análise cuidadosa das narrativas referentes ao mito, conseguimos identificar resquícios de alguns tipos de violências contra mulher. Tais resquícios são características relacionadas a uma cultura arcaica em que é normal coisificar e escravizar a sexualidade da mulher evidenciando uma sociedade misógina, machista e patriarcal. Aquésia Maciel Góes, doravante Góes (2018, p. 15), afirma que “a violência física é quase sempre escondida, camuflada através da romantização das narrativas”. O mito, criado há muito tempo, é narrado de forma estilizada e romantizada fazendo com que reforce no pensamento das moças que aquela violação é permitida, pois elas estariam sob efeito do encantamento do Boto.

[...] Entendo essa narrativa, em certa medida, como álibi para as mulheres que subvertem a moral que rege a nossa sociedade. O fato de ter que se justificar ou se esconder detrás de uma lenda é uma forma de violência simbólica. E a sua parte mais desumana é a que envolve a violência física dos corpos, que se encontram em contextos de vulnerabilidades: incestos, estupros e pedofilia são algumas formas de violências que sofrem, com maior incidência, as mulheres e que na Amazônia algumas vezes podem ser “justificados” ou ocultados pela narrativa do boto. (GÓES, 2018. p. 15)

Góes (2018) acredita que nesse personagem, o Boto, pode-se perceber uma metáfora da idealização da mulher pela cultura patriarcal: o homem dita as regras morais e comportamentais. Assim, isso permitirá que as mulheres sejam tratadas como objetos e sua liberdade será restringida e limitada apenas a certos espaços. Em outras palavras, as mulheres com medo do Boto não vão frequentar festas ou celebrações, não vão poder andar sozinhas pelas margens do rio, tampouco se vestirão de maneira em que há exposição de seu corpo,

caso contrário poderão ser acusadas de terem atraído e provocado a violação do boto propositalmente.

Para Góes (2018), o mito só serve para silenciar esses casos de violência ocorridos nas comunidades ribeirinhas contra mulheres e crianças e de difícil combate, pois a narrativa se enraizou na cultura de todo território amazônico.

[...] Compreendo o Boto, como a representação de uma relação de violência escamoteada e silenciada, que acompanha a história da Amazônia e de suas mulheres ribeirinhas, desde as primeiras expedições a essas terras, antes ignotas para o velho mundo e, por muito tempo, até mesmo para as outras regiões dos próprios países que albergam parte desta floresta em seu território. (GÓES, 2018. p. 16)

É realmente lastimável que essa narrativa tão importante para a literatura de Abaetetuba sirva para encobrir atos tão repulsivos, sem mencionar o quão assustador que é saber que esses tipos de violências acontecem a todo o momento, inclusive dentro da família e em locais ou comunidades onde é difícil acesso dos órgãos públicos, o que torna o assunto ainda mais privado, aceito e restrito ao mito.

### 3.3: Relatos

O senhor José Roberto Souza Dias, de 45 anos, abaetetubense e morador dessa cidade, relata como foi sua única experiência com o Boto há exatamente 35 anos, na cidade de Afuá, na Ilha do Marajó. Segundo ele, durante uma viagem, os botos perseguiram sua mãe por que ela estava no seu período menstrual naquele dia. De acordo com o entrevistado, só não aconteceu nada de grave em função de ela estar na companhia dele e de seu padrasto na época:

*“Um dia eu fui viajar com a minha mãe. Eu tinha mais ou menos uma faixa de 10 pra 11 anos de idade, mas já tava entendido já, graças a Deus. A minha mãe viajava muito com esse negócio de fábrica de palmito, ela trabalhava em fábrica de palmito, aí apareceu uma oportunidade pra ela pra ela ir lá pra cidade de Afuá, na Ilha do Marajó, aí ela pegou eu levou eu pra lá. A gente lá, num certo dia, ficamos sem alimentação na casa aí ela convidou o Júlio, o Júlio era o senhor que vivia com ela nessa época, queria tomar banho aí depois ela convidou eu aí a gente foi pra beira dum garapé lá aí chegamos lá, a gente ficou lá na beira do garapé eu, ela e o Júlio e naquilo que a gente tava tomando banho ela saiu rápido, ela subiu rápido do garapé pra cima da ponte por que essas pontes do rio elas vão até dentro do garapé aí ela subiu rápido em cima da ponte aí a gente perguntou pra ela, eu perguntei pra ela: “o que foi mamãe?” E o Júlio perguntou pra ela também: “o que foi Silvanei?” E ela falou: “tem boto aí, olha aí o redemoinho dele”. Aí a gente olhou e a gente viu mesmo benzinho e redemoinho dele aí ele falou: “é, bora embora depois a gente vai fazer compra” aí a gente foi embora, a gente se arrumou aí viemos nós três de novo aí a gente pegou a canoa e o remo aí a gente foi, o Júlio ia remando, eu também com um remo ia remando e ela na parte do meio da canoa, eu ia na parte da frente, o*

*Júlio ia na parte de trás e ela ia na parte do meio da canoa. Aí depois que ela falo, que ela saiu correndo do garapé e ela sabia que era boto já por que ela tava menstruada e toda mulher que ta menstruada, quando ela vai pra um rio ou um garapé assim, alguma coisa assim, ela chama atenção do boto. Aí a gente ia remando, remando bem no meio assim do garapé, no centro do garapé sem ir sem ser assim pelas beirada do garapé, no centro do garapé. Aí quando a gente vimo ela só grito: “olha, lá vai ele alí, olha!” Ele só foi no remanso dele assim, do garapé da força d’agua, aí ele foi, foi, foi e ele só subiu na nossa frente numa distancia assim de mais ou menos 10 metro, 10 metro, da canoa a ele. Aí ele se levantou, do ombro pra cima, digamos, da barriga pra cima, aí ficou olhando pra gente, ele em forma de gente. Aí ela falou: “olha, lá esta ele, lá está ele!” Aí a gente olhou pra ele e ele ficou olhando pra gente mais ou menos de dois a três minutos aí depois ele só virou a costa pra gente e saiu nadando, saiu nadando como a gente sabe anadar, anadando, anadando depois ele só afundo. Pronto, depois que ele afundo ele não apareceu mais. Aí ela falou: “olha, ta vendo? Ele veio atrás de mim. Por que se vocês não tivesse aqui, ele ia ogar eu da canoa pra tentar pegar eu, mas como ele se levanto e viu vocês ele foi embora mas ele fiz caso de se levantar em gente e ver eu pra ver se tinha gente aqui comigo”. É assim mesmo, toda mulher que ta menstruada que vai pra beira de um rio ou de um garapé aonde aparece boto, chama a tenção dele. Então isso aí que aconteceu, minha filha. Essa foi a verdadeira história, mas eu vi mesmo, eu vi mesmo, com meu próprio olhos que um dia a terra a de cobrir, eu, ela e o Júlio. (...) Depois desse fato, que aconteceu com ela, ela sentiu sim, muitas dores de cabeça apenas isso e não conseguia dormir de um a dois dias aí depois voltou tudo ao normal, graças a Deus.”*

(José Roberto S. Dias, Eletricista, 45 anos)

A senhora Vitalina dos Santos, 31 anos, abaetetubense de nascença, conta que durante os dias de resguardo do parto de seu segundo filho, o Boto tentou levá-la junto com seu bebê de dentro da sua casa. A Dona Vitalina mora ca cidade de Abaetetuba, em uma casa que faz fundo a um pequeno garapé que serve de furo para o rio Jarumã. Ela afirma não se lembrar do ocorrido e só tomou conhecimento meses depois quando seu marido, que testemunhou o fato, decidiu contar. Segundo ela, o marido optou por esconder o estranho acontecimento, pois a mesma estava com dias de resguardo e ele temia que o estresse e o medo compromettesse a saúde mental de sua esposa, ao afirmar que nesse período as mulheres costumam ficar com o psicológico fragilizado. Ela afirma que:

*“Eu só lembro da parte que ele me deitava na cama e eu não conseguia falar, eu não conseguia falar nada. Eu tava acordada, mas alguma coisa me prendia que eu não conseguia falar. Eu tava... ficava com o olho, olhava pra ele mas eu não conseguia falar e eu não lembro de nada só lembro disso, ele me colocando na cama e algo me prendendo que eu não conseguia falar, nada. Aí com alguns meses depois que ele foi me contar toda a história. Mas eu percebi que ele não dormia, ele passou as minhas quarentenas todas vigiando a casa, ele não dormia, ele amarrava uma rede aqui na cozinha e ficava com essa garrafa de agua benta e alho mas eu não sabia por que, por que ele não me contou, mas ele ficou todo esse período sem dormir a noite inteira aí com um tempo que lelé foi me falar por que.”*

(Vitalina dos Santos, autônoma, 31 anos)

O esposo da dona Vitalina, Senhor Juciney Gonsalvez, de 36 anos, também filho de Abaetetuba, conta como foi passar por essa experiência há mais ou menos sete anos, dias depois da chegada de seu segundo filho.

*“A história foi assim, é a vivi ela estava dormindo com o Ruam, nessa época o Ruam tinha quase um mês de nascido e eu tava acordado, tinha que fechar a casa, tinha que colocar o Joney no quarto dele também pra dormir e com isso, né? Fiquei acordado, deixando ela dormir lá com o Ruanzinho e chegou em um determinado momento assim que eu dei um cochilo só que eu me espantei, me espantei com aquela coisa querendo me segurar, querendo me prender e que eu peguei e levantei, sentei na cama, comecei a orar e graças a Deus aquela coisa pegou e me largou, me largou e eu fiquei vigiando a casa, vigiando a casa e eu fiquei orando também lá por que eu sabia que nessa época, né? Ela tava na quarentena dela e eu sei que isso atraí muito, né? A parte do Boto, ele atraí muito essa parte que a mulher ainda tá no resguardo e como a gente mora próximo de Igarapé ali próximo do rio, fica.. se torna pior ainda que facilita o acesso deles e o que aconteceu? Eu peguei, quando eu me deparei assim... a vivi levanto, pegou o Ruam pelos braços, praticamente com o olho fechado, e eu peguei acompanhei ela pra ver pra onde ela ia, andei quando ela pegou ele ela saiu do quarto, ela conseguiu, ela abriu a porta do quarto, ela saiu e foi em direção à porta dos fundos que acesso ao pátio de trás de casa, pra área de lavar roupa. Quando ela colocou a mão na maçaneta pra abrir a porta, eu segurei a mão dela e comecei a orar, comecei a orar, comecei a rezar o pai nosso, creio em Deus padre e nisso eu comecei a orar, comecei a orar, comecei a chamar ela de vagar pelo nome dela, comecei a trazer ela aí a primeira coisa que eu fiz foi tomar o meu filho da mão dela, peguei o Ruanzinho nos braços e com o outro braço eu vinha trazendo ela mas orando, chamando ela pelo nome pra não assustar ela e pra distrair, né? Pra afastar o inimigo. Aí disso eu consegui colocar ela na cama, não deixei mas o Ruan com ela, afastei um pouco o Ruan dela. E eu deitei, deitei ao lado dela e eu fiquei orando aí depois de alguns minutos, depois de uns 5 minutos ela conseguiu dormir e eu fui embaixo do armário lá que eu tinha uma água benta, peguei uns cinco dentes de alho e eu piquei os dentes de alho joguei na garrafa de água benta e comecei a fazer cruzeiros, tanto nas janelas do quarto nosso, como nas portas e joguei muita água benta no pátio de trás. Aí eu passei todinho esse processo, esse procedimento, passei tanto nas janelas quanto nas portas, joguei água benta tanto no pátio de trás quanto no pátio da frente aí mais graças a Deus aí eles conseguiram dormir, e eu como sempre, né? Fiquei vigilante, com medo de acontecer alguma coisa, novamente e quando eu consegui dormir já era quatro e meia pras cinco hora da manhã. Aí foi isso a história, e eu só contei pra vivi após seis meses, sete meses que o Ruan nasceu pelo fato dela ter tido filho e a mulher, como vocês sabem ela sempre ficam muito frágil, principalmente, né? Dessa parte do pós parto aí eu resolvi preservar essa situação e não contar pra ela.”*

(Juciney Gonsalvez, Polícia Militar, 36 anos)

### 3.4 O fantástico presente no mito

A literatura é composta por vários gêneros estéticos que servem e caracterizam os textos. Dentre estes gêneros está o fantástico. Nas palavras de Todorov (1975, p. 7), “a expressão literatura fantástica refere-se a uma variedade da literatura ou, como se diz comumente, a um gênero literário”. Segundo o autor, o fantástico é o vacilar do leitor ao se deparar com um fato ou texto e não saber identificar se é real ou se trata de uma ilusão. Quem o percebe, deve escolher uma das possíveis opções: ou se trata de uma ilusão de sentido, fruto

da imaginação, ou se trata de um fato, uma realidade regida por leis diferentes das nossas realidades de outro mundo paralelo ao nosso. Assim, a possibilidade de se hesitar entre os dois mundos gera o efeito do fantástico

[...] O fantástico ocorre nesta incerteza; ao escolher uma ou outra resposta, deixa-se o fantástico para se entrar num gênero vizinho, o estranho ou o maravilhoso. O fantástico é a hesitação experimentada por um ser que só conhece as leis naturais, face a um acontecimento aparentemente sobrenatural. (TODOROV, 1975, p.31)

Para complementar o conceito de fantástico, Todorov aponta três condições essenciais que a categoria exige. A primeira condição é a de que a narrativa obrigue o leitor a considerar os dois mundos e a vacilar entre uma explicação natural e uma explicação sobrenatural dos acontecimentos narrados. Dessa forma, o mito do Boto obedece a tal condição no momento em que quem escuta a estória recebe a informação de que existe um ser sobrenatural, que pertence a um mundo que não é o nosso e que pode nos repassar certo perigo se não tomarmos os devidos cuidados. Ou seja, a partir do mito é sabido que o Boto aparecerá na nossa realidade na ocasião que convém a ele. A segunda condição é a que um dos personagens também hesite em relação ao fato sobrenatural. No caso do mito estudado, a moça pela qual o Boto se encanta. E a terceira e última condição é quando o leitor consegue se identificar com o personagem. Isso significa dizer que é quando ele compreende o ocorrido, aceita de maneira natural o fato sobrenatural e pode se imaginar dentro da narrativa. É o que acontece com quem escuta um dos casos do Boto, principalmente se foi ocorrido com alguém que pertence a um grupo familiar ou de amigos.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O mito do Boto é a narrativa oral que se faz mais presente na vida dos abaetetubenses. Conseqüentemente, dicotomias pregadas por essa narrativa acabaram por se impregnar no comportamento de quem crê no mito e no seu protagonista, o Boto. Ao longo dessa monografia usufruí de conceitos sobre mito, cultura e literatura oral e fantástica abordados por teóricos das referidas áreas a fim de compreender como que uma narrativa possui o poder de persuadir uma região gigantesca como a Amazônia a temerem um mamífero que habita nos nossos rios por acreditarem que o mesmo pode se metamorfosear em homem para seduzir mulheres e engravidá-las sob efeito de “encantamento”.

A importância desse estudo se dá pelo fato de tornar científico o que, até agora, era só um mito regional e assim fazê-lo ser visto como parte da nossa história e dar a ele (o mito) sua devida significância. A pesquisa também fará contribuições para a área de Letras no que concerne à literatura da cidade onde o nosso campus está localizado, Abaetetuba. Trabalhar nessa monografia também contribuirá para minha formação, enquanto professora de Literatura e Língua Portuguesa, pois serviu para abrir meus horizontes no que diz respeito às narrativas orais e seus diferentes gêneros, assim como servirá de inspiração para futuras aulas de produção textual, em que os alunos poderão escrever os fatos que eles conhecem e até mesmo criar histórias a partir destes. Com uma cultura tão rica e vasta como a abaetetubense, não podemos nos limitar a apenas expor para os nossos futuros alunos poemas e contos do livro didático. Como professores/facilitadores, devemos absorver ao máximo toda essa riqueza para repassar algo novo (e que também é nosso) para os alunos, como mitos e lendas de nossa região.

No início da pesquisa tracei o objetivo de descobrir que elementos são usados pelos narradores que fortalecem a credibilidade de tal mito, usando como hipótese a tradição que o traz de dezenas de gerações para dentro de um convívio social. O fato de o mito ser sempre narrado por pessoas que fazem parte da família ou do nosso ciclo de amizade faz com que confiemos na veracidade dos causos. Felizmente, o que se esperava foi em parte alcançado, pois não podemos somente dizer que uma história é real pelo simples fato dela ter sido contada por alguém que conhecemos, mas, além desse fator, outro também bastante importante, é levar em consideração o contexto social do narrador e em qual cultura ele está inserido, pois nada que determina a cultura é gratuito. Pelo contrário, todas as manifestações culturais fazem total sentido para o grupo a qual elas pertencem. Os recursos utilizados pelos narradores

baseiam-se em juramentos de que tiveram experiências tanto físicas, quanto visuais e auditivas, e, em menor número, também experienciais táteis. Em alguns casos causando sequelas como dores de cabeça, febre e calafrios que se acreditam ser “assombro do boto”.

Pode-se considerar a continuação deste estudo, pois ainda restaram dúvidas sobre o psicológico das pessoas que acreditam. Seria interessante estudar e descobrir o que acontece com a psique humana no momento em que ocorrem esses fenômenos culturais.

## REFERÊNCIAS

BECHARA, Evanildo. **Dicionário escolar da Academia Brasileira de Letras: Língua Portuguesa**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2011.

CASCUDO, Luiz da Camara. **Literatura Oral no Brasil**. Rio de Janeiro: Livraria José Olimpo Editora S.A, 2º ed, 1978.

ELIADE, Mircea. **Mito e Realidade**. São Paulo: Perspectiva, 1972.

GÓES, Aquésia Maciel. **Boto Cor-de-Rosa**: uma narrativa sobre gênero, raça e violência. 2018. Dissertação de Mestrado (Programa de Pós-Graduação em Literatura Comparada) - Universidade Federal da Integração Latino- Americana (Unila0, Foz do Iguaçu, 2018. Disponível em: <http://dspace.unila.edu.br/123456789/4156>

LEITE, José Nailton; LEITE, Cecília Sayonara G. **Alexandre Rodrigues Ferreira e a formação do pensamento social na Amazônia**. estudos avançados, v. 24, n. 68, São Paulo, 2010.

LOBATO, Maria de Nazaré Carvalho. **Fagulhas e Fragmentos**. Gráfica Guará, Abaetetuba, 1º ed, 2004.

LOUREIRO, João de Jesus Paes. **Cultura Amazônica**: Uma poética do Imaginário. Manaus: Editora Valter, 2015.

MACHADO, Jorge. **Nosso Folclore**. Abaetetuba: Alquimia, 2008.

MAGALHÃES, Gilzete Passos. **Os espelhos dos rios**: dimensões simbólicas da relação de gênero na lenda Amazônica o Boto. 2013. 150 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2013.

RODRIGUES, Angélica Lúcia Figueiredo. **O boto na verbalização de estudantes ribeirinhos**: uma visão etnobiológica / orientadora, Maria Luisa da Silva. - Belém, 2008

SANTOS, José Luiz dos. **O que é Cultura?**. São Paulo: Brasileiro, 1983.

SIEBERT, Emanuele Cristina; GHIARELLI, Lígia Karina Meneghetti. **Cultura Popular Brasileira**. Centro Universitário Leonardo da Vinci – Indaial, Grupo UNIASSELVI, 2012.

TODOROV, Tzvetan. **Introdução à Literatura Fantástica**. São Paulo: Edirora Perspectiva S.A, 1975.

TORRES, Iraíldes Caldas; BARROS, Rooney Augusto Vasconcelos. **O Erotismo do Boto Amazônico e o Enfeitamento das Mulheres**. Alas, 2017.

TRIGUEIRO, R. M.; RICIERI, M.; FREGONEZE, G. B.; BOTELHO, J. M. **Metodologia científica**. Londrina: Editora e Distribuidora Educacional S.A., 2014.

Entrevistados:

José Roberto S. Dias, Eletricista, 45 anos.

Vitalina dos Santos, autônoma, 31 anos.

Juciney Gonsalvez, Polícia Militar, 36 anos.